

CICLO DE EXTENSÃO TERRITÓRIOS E CULTURAS: DIÁLOGOS DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS COM AS PERIFERIAS URBANAS NO RJ

Alexandre de Oliveira Pimentel¹
Rebeca da Gama Silva Felipe²

Resumo: Este artigo é um relato de experiência sobre o ciclo de extensão “Territórios e culturas: diálogos dos povos e comunidades tradicionais com as periferias urbanas no RJ”, realizado entre 4 de setembro e 6 de novembro de 2020, no âmbito do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ campus Nilópolis. Proposto como um diálogo de saberes entre as práticas e experiências dos chamados povos e comunidades tradicionais – destacando-se a presença indígena, caiçara, quilombola – com projetos e ações realizados em territórios populares localizados em áreas periféricas da região metropolitana do Rio de Janeiro, o ciclo foi viabilizado com recursos de um edital interno de fomento a projetos de extensão. Formatado como um curso voltado para professores, estudantes e demais interessados nas temáticas abordadas, Territórios e Culturas foi também um desdobramento de outras importantes ações que vêm sendo desenvolvidas no campus, buscando aproximar o ambiente acadêmico das temáticas, das lutas e dos anseios de povos e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: território, cultura, povos e comunidades tradicionais, periferias.

Contextualização

Desde 2018 o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI, do IFRJ campus Nilópolis, e mais especificamente os professores e pesquisadores Affonso Pereira e Alexandre Pimentel, vem procurando desenvolver uma série de ações visando ampliar a presença da temática indígena, e dos povos e comunidades tradicionais no âmbito da instituição, para além de atividades pontuais em datas comemorativas. A lei 11.645/2008 – que ampliou o escopo da lei 10.639/2003 e passou a incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" – indiscutivelmente trouxe alguns avanços. Apesar disso, ainda é notória a insuficiência da formação pedagógica, e também política e cultural de professores, assim como de estudantes e da sociedade em geral nesse âmbito. Diante dessa realidade, as ações do NEABI tem sido um veículo de extrema importância para

¹ Professor no Bacharelado em Produção Cultural e membro do NEABI, no IFRJ campus Nilópolis. alexandre.pimentel@ifrj.edu.br

² Graduanda em Produção Cultural e bolsista do projeto Territórios e Culturas, no IFRJ campus Nilópolis. rebeca.dagama@gmail.com

contribuir para esta formação ampla, organizando debates, cursos, seminários e ciclos de formação voltado para professores, estudantes e demais interessados nestas temáticas.

Entre estas ações destacamos a realização do 1º Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena³, realizado entre o 2º semestre de 2018 e o 1º semestre de 2019. Este primeiro ciclo reuniu inúmeros representantes de diferentes etnias indígenas — Sandra Benites Ara Rete, Ivanildes Kerexu Pereira, Alberto Álvares, Julio Garcia Karai Xiju, Algemiro Silva Karai Mirim (guarani), Aline Rochedo Pachamama (puri), Cristiane Pankararu, Jonas Sansão (gavião) e Anápuáka Tupinambá — com pesquisadores da UFF (campus Niterói e Angra dos Reis), Museu Nacional/UFRJ, Museu do Índio, UFRRJ, UERJ (campus Maracanã e FEBF/Duque de Caxias), UniRio, Instituto de Arqueologia Brasileira e Museu Vivo do São Bento (Duque de Caxias), para tratar de inúmeros temas e questões, como a produção cultural indígena contemporânea; a representação política e a articulação territorial; a luta pelos direitos indígenas; a questão da memória e o diálogo entre os diferentes modos e espaços de conhecimento. O ciclo, que realizou ainda um trabalho de campo na aldeia guarani Sapukai, localizada em Angra dos Reis, no litoral sul fluminense, contou com o fomento de um edital interno da Coordenação de Extensão - COEX, do campus Nilópolis. O recurso disponibilizado (R\$4.000,00) tornou possível custear os materiais de divulgação, a alimentação, o transporte e a hospedagem dos convidados, e viabilizou que os participantes inscritos — em sua maioria, estudantes de graduação e professores de ensino básico da Baixada Fluminense — pudessem dialogar diretamente com indígenas, atuantes em diferentes contextos, desde aldeados, a residentes em contexto urbano, muitos deles cursando mestrado ou doutorado em prestigiadas instituições.

A grande receptividade e repercussão deste primeiro ciclo, nos fez pensar na organização de uma segunda experiência, só que dessa vez com um recorte mais amplo, ligado não somente aos indígenas, mas aos chamados povos e comunidades tradicionais (DIEGUES e ARRUDA, 2000; LITTLE, 2002; CUNHA e ALMEIDA, 2009). As trajetórias anteriores dos coordenadores, assim como a organização do primeiro curso, facilitaram o processo de desenho, articulação e organização deste novo ciclo. Do

³ A respeito ver PEREIRA e PIMENTEL, 2021.

desejo de promover diálogos e intercâmbios entre experiências e metodologias desenvolvidas por instituições de representação e articulação dos povos e comunidades tradicionais e ações e projetos desenvolvidos em territórios populares, localizados em áreas periféricas da região metropolitana do Rio de Janeiro, nasceu um novo ciclo que denominamos Territórios e culturas: diálogos dos povos e comunidades tradicionais com as periferias urbanas no RJ.

A gênese do ciclo de extensão Territórios e culturas

Desde o primeiro momento, quando nos ocorreu organizar um ciclo envolvendo povos e comunidades tradicionais no estado, pensamos em estabelecer uma parceria com o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra-Paraty-Ubatuba - FCT⁴, movimento que reúne lideranças caiçaras, indígenas e quilombolas destes três municípios. O Fórum, que desde 2007 vinha promovendo um trabalho pioneiro de articulação territorial e defesa dos territórios e dos modos de vida das comunidades tradicionais da região, iniciou, em 2009, uma importante parceria estratégica com a Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, que resultou em 2013 na implementação do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina - OTSS⁵, “concebido como um espaço gerador de conhecimento crítico e desenvolvimento de tecnologias inovadoras, especialmente sociais, voltadas à promoção da sustentabilidade e da saúde

⁴ O Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT) teve início em 2007, por meio de diálogos e encontros entre lideranças caiçaras, indígenas e quilombolas, em espaços como conselhos e reuniões que tratavam de assuntos diversos ligados à defesa do território. O FCT surgiu então de um consenso entre essas comunidades, as quais reconheceram que estavam sendo colocadas à margem do processo de tomada de decisão e que era importante ocupar esses espaços, lutando para fazer valer os direitos e fortalecer a luta pela permanência no território. [Fonte: GALLO e NASCIMENTO, 2019.]

⁵ Criado a partir de uma parceria entre a Fiocruz e o FCT, o OTSS é um espaço tecnopolítico de geração de conhecimento crítico, a partir do diálogo entre saber tradicional e científico, para o desenvolvimento de estratégias que promovam sustentabilidade, saúde e direitos para o bem viver das comunidades tradicionais em seus territórios. Com o apoio da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e da Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec), o OTSS atua em territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba nas áreas de saneamento ecológico, agroecologia, turismo de base comunitária (TBC), promoção da saúde, educação diferenciada, justiça socioambiental, cartografia social, incubação de tecnologias sociais e monitoramento territorializado da Agenda 2030. [Fonte: website do OTSS - <https://www.otss.org.br/>]

nos territórios das comunidades tradicionais da Bocaina” (GALLO e NASCIMENTO, 2019).

Como pretendíamos elaborar um ciclo que abordasse as diversas ameaças e violências simbólicas e materiais sofridas por esses grupos, mas também que desse visibilidade para seus inúmeros saberes, e para um conjunto de ações, práticas e metodologias inovadoras que suas lideranças estavam promovendo em seus territórios, o FCT e o OTSS eram a parceria óbvia para a elaboração de nosso ciclo. Após um período de conversas prévias pelo telefone e por seus contatos em redes sociais, organizamos uma ida à sede do OTSS, onde fizemos uma reunião conjunta, e onde o desenho de programação, as escolhas das datas, dos temas e dos nomes foram debatidos. Foi acordado então que o ciclo seria co-realizado pelo NEABI-IFRJ Nilópolis, em parceria com FCT e o OTSS.

Propusemos aos nossos novos parceiros que o desenho do projeto incluísse um diálogo com experiências semelhantes às deles, e que fossem desenvolvidas em territórios populares (BARBOSA, 2015) localizados nas periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o que foi imediatamente aceito. Partimos então para o estabelecimento de novas parcerias e a busca por nomes que desenvolvessem ações que pudessem dialogar com as iniciativas do FCT e do OTSS. Como haviam sido definidos quatro grandes temas para serem abordados no ciclo — agroecologia e economia solidária; educação diferenciada; turismo de base comunitária e cartografia social; e a luta pelos territórios⁶ — a escolha desses nomes a serem convidados deveria se concentrar em projetos e ações que dialogassem com essas temáticas. Foi assim que, também a partir de relações previamente construídas pelos coordenadores do ciclo, chegamos aos nomes de Beto Palmeira, do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA e do Espaço Raízes do Brasil (para debater agroecologia e economia solidária); de Dudu de Morro Agudo (para debater educação diferenciada); de Cosme Felippsen (para o tema turismo de base comunitária) e de Fransérgio Goulart (para o debate sobre cartografia social e a luta pelos territórios). Propusemos ainda que o ciclo fosse iniciado com uma aula inaugural, com a presença de Carlos Walter Porto-Gonçalves, um nome

⁶ Esses temas foram propostos por nós, a partir do acompanhamento das principais linhas de atuação e luta do FCT e do OTSS.

extremamente representativo dessa discussão no campo acadêmico, dividindo a mesa com uma representação do Fórum — posteriormente foi indicado o nome de Vagner do Nascimento, coordenador do FCT e coordenador geral do OTSS — e que fosse finalizado em um trabalho de campo em Paraty, reunindo a turma do ciclo com lideranças caiçaras, indígenas e quilombolas do Fórum no Quilombo do Campinho⁷. Fechados e validados com o FCT e o OTSS os nomes para a programação, partimos para a fase de estruturação do projeto.

A montagem e estruturação

É importante destacar que, em função de calendários e prazos institucionais e acadêmicos não coincidirem com a temporalidade necessária para a construção de laços de confiança e com a construção coletiva de um projeto desta natureza, o projeto já havia sido enviado e aprovado em uma nova edição do edital interno de Fomento a Projetos de Extensão, da Coordenação de Extensão do IFRJ campus Nilópolis (edital 11/2019 - COEX). O recurso captado, no valor de R\$4.000,00, permitia viabilizar os custos previstos com alimentação, transporte, locação de ônibus, hospedagem e elaboração e impressão de material gráfico de divulgação. Tendo a aprovação desse recurso, nós pudemos negociar com o FCT e o OTSS já com a garantia de viabilização do projeto, que envolvia investimentos significativos para ser viabilizado presencialmente, evitando frustrações com uma situação negociada e que posteriormente se mostrasse inviável financeiramente. Assim, as negociações prévias garantiram o envio de um projeto já próximo da versão que foi validada com os parceiros na reunião presencial em Paraty, gerando uma necessidade de efetuarmos apenas pequenos ajustes — perfeitamente justificáveis — na proposta pré-aprovada no edital. O edital viabilizou ainda a presença de uma bolsa de auxílio financeiro a estudante, para a qual foi selecionada uma graduanda do bacharelado em Produção

⁷ Primeiro quilombo titulado do Estado do Rio de Janeiro, o quilombo do Campinho da Independência possui uma simbologia estratégica para os povos e comunidades tradicionais da região, pois foi a partir de suas experiências e capacidade de articulação que o Fórum das Comunidades Tradicionais foi organizado. Um exemplo disso é o fato do Coordenador do FCT e do OTSS ser Vagner do Nascimento, liderança quilombola, além de outra de suas lideranças, Ronaldo Santos, ter sido candidato a prefeito e a vereador, e ter exercido importantes cargos na gestão municipal, como o de secretário de cultura.

Cultural, a discente Rebeca da Gama Silva Felipe, co-autora deste artigo. Além do trabalho prévio de pesquisa e de leitura, a bolsista deveria participar da organização, do planejamento, e dar suporte aos coordenadores no dia do evento.

Elaborado para ser realizado presencialmente, de março a junho de 2020, em cinco encontros no auditório do campus Nilópolis e uma visita ao Quilombo do Campinho, em Paraty, o curso precisou ser adiado em decorrência da pandemia de Covid-19, inviabilizando, inclusive, a visita de campo. Ressalte-se que o primeiro dia de interrupção completa das atividades presenciais na instituição coincidiu, exatamente, com a data de inauguração do ciclo, no dia 13 de março, o que gerou uma enorme frustração e a desmobilização de viagens, hospedagens e ações já em andamento, além do descarte de materiais gráficos já elaborados, impressos e distribuídos.

Após um período de indefinições — pois ninguém poderia garantir, naquele momento, quanto tempo seria necessário para o retorno das atividades — o ciclo então precisou ser adaptado para um formato online, e foi necessário um período de renegociação de datas e nomes, assim como de elaboração de novas peças digitais de comunicação. O orçamento foi também redefinido, para viabilizar as necessidades de ação integrada de comunicação nas redes sociais, e de transmissão das aulas para um canal no YouTube. A proposta foi então redesenhada para acontecer em seis encontros online, de 4 de setembro a 6 de novembro de 2020. Pensando em uma estruturação mais profissional do ciclo contratamos o serviço de uma empresa que montou e viabilizou a comunicação integrada nas redes sociais, administrou as salas na plataforma ZOOM — utilizada para os encontros síncronos (ou, como preferimos chamar, “presenciais online”) — e efetuou os serviços de *streaming* (transmissão de conteúdo online) dessas salas para o canal do NEABI IFRJ campus Nilópolis no YouTube. Estabelecemos também uma nova parceria com o Coletivo Pluriverso⁸, responsável pela gestão de uma plataforma que hospedou o curso, como ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA), viabilizando a disponibilização prévia dos materiais de apoio, pensados para introduzir os inscritos no ciclo nas temáticas, convidados e para estimular os debates. Estes eram sempre disponibilizados na plataforma com uma antecedência de, ao menos, uma semana antes do encontro síncrono subsequente. As aulas deveriam ser assistidas

⁸ <https://pluriverso.online>

pelos inscritos preferencialmente no Zoom, mas como havia uma transmissão ao vivo no canal do YouTube, dirigida a um público mais amplo, os alunos poderiam também assisti-las no canal, caso houvesse alguma dificuldade ou problema técnico.

A programação dos encontros

A realização dos encontros foi precedida por um período de formação da equipe, onde os coordenadores e as bolsistas — com a adaptação para o formato online, e o início de outros projetos paralelos, houve a integração de uma nova bolsista, Jade Bastos, também aluna do bacharelado em Produção Cultural — participaram de discussões baseadas na leitura e análise de textos e vídeos sobre povos e comunidades tradicionais, abordando o debate sobre o conceito, sobre territorialidades e seus conflitos, suas disputas territoriais e cartográficas, sua relação com o ambiente e a biodiversidade, seus direitos, e sobre o conceito de terras tradicionalmente ocupadas (ver DIEGUES e ARRUDA, 2000; DIEGUES, 2008; ALMEIDA, 2008; CUNHA e ALMEIDA, 2009; ACSELRAD, 2008 e LITTLE, 2002). Também foi discutida a pertinência destes materiais para a disponibilização como material de leitura prévia para os inscritos no curso.

Cada encontro foi desenhado de modo que sempre estivesse presente algum representante de um grupo ou comunidade tradicional (indígena, quilombola ou caiçara) ligado ao FTC e ao OTSS. E, de acordo com a temática de cada aula, estes deveriam compartilhar as falas com algum representante de uma ação semelhante desenvolvida nas periferias urbanas ou por pequenos agricultores.

O primeiro encontro foi uma aula inaugural, com a participação de Vagner do Nascimento, liderança do Quilombo do Campinho, coordenador do FCT e coordenador geral do OTSS, e serviu para apresentar o Fórum e o Observatório, e os principais temas que seriam discutidos nos encontros seguintes. Infelizmente por problemas relacionados ao seu sinal de internet, não foi possível a participação do professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, como estava previsto. O segundo encontro teve como tema “Agroecologia e economia solidária: diálogos na construção de territórios sustentáveis e saudáveis”, contou com a participação de Ana Carolina Barbosa e Santiago Bernardes

(caiçaras ligados ao FCT) e de Beto Palmeira (da Coordenação Nacional do MPA e Raízes do Brasil). O terceiro encontro teve como tema “Cartografia social e a defesa dos territórios” contou com a participação de Luísa Villas Boas e Santiago Bernardes (caiçaras ligados ao FCT) e de Fransérgio Goulart (da Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial). O quarto encontro debateu o tema da “Educação diferenciada: construção de autonomia e reconhecimento de saberes”, com participação de Fabiana Ramos, quilombola e Jadson dos Santos, caiçara (ambos do Coletivo de Educação Diferenciada do FCT), e Dudu de Morro Agudo (RapLab/Instituto Enraizados). No quinto encontro estiveram presentes Daniele Elias (quilombola, da Rede Nhandereko - FCT) e Cosme Felippsen (Rolé dos Favelados/Morro da Providência) para debater sobre “Turismo de base comunitária: protagonismo de narrativa e geração de renda”. Diante da impossibilidade da ida ao Quilombo do Campinho, em Paraty, fizemos um sexto encontro — a proposta original previa apenas cinco — uma roda de conversa entre lideranças de povos e comunidades tradicionais. Aproveitamos para promover o diálogo do FCT, representado por Julio Garcia Karai Xiju (guarani) e Santiago Bernardes (caiçara), com o Fórum dos Povos e Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira⁹, representado pela liderança caiçara Adriana Lima, e que envolve, além de caiçaras, indígenas e quilombolas, também os “caboclos” da região. Foi mais uma experiência riquíssima de intercâmbio e diálogo de saberes.

Algumas análises e considerações finais

Os territórios de povos e comunidades tradicionais vivem sob constante ameaça, seja pela especulação imobiliária, seja por grandes empreendimentos econômicos que geram inúmeros impactos socioambientais, ou ainda pela ação violenta do Estado, que

⁹ Região localizada no sul do estado de SP e no leste do estado do PR. Recebe este nome em função da bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e ao Complexo Estuarino Lagunar de Iguape, Cananeia e Paranaguá. (...) A região é destacada pela sua grande diversidade ecológica. Seus mais de 2,1 milhões de hectares de florestas equivalem a aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica existentes no Brasil. Neste conjunto de áreas preservadas são encontradas importantes comunidades indígenas, comunidades quilombolas, comunidades caiçaras, imigrantes e uma biodiversidade em plena preservação. Por ser uma das áreas de maior biodiversidade do globo, a UNESCO declarou o Vale do Ribeira como Patrimônio Natural da Humanidade em 1999. (Fonte: Adaptado de Wikipédia: disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Ribeira)

adota um modelo importado de conservação que privilegia as unidades de uso restrito, e que não permite a presença de moradores, mesmo sendo tradicionais, em nome da preservação de uma natureza pretensamente "intocada" (tratada como mito em DIEGUES, 2008). Do mesmo modo que estes povos e comunidades, moradores dos territórios populares localizados nas periferias urbanas também buscam a construção de novas narrativas, a autonomia e o direito de permanência em seus territórios. Buscamos com este ciclo a construção de uma ponte para a troca de conhecimentos, iniciativas e experiências entre povos e comunidades tradicionais e as periferias urbanas, e compartilhar esses conhecimentos e experiências com os inscritos no curso. Consideramos, portanto, que a oferta deste ciclo tenha sido de enorme importância, inclusive, por sua elevada procura. Ressalte-se que a possibilidade de oferta de um ciclo de formação deste porte na Baixada Fluminense cumpriu um papel social relevante, além de consolidar o papel decisivo do IFRJ neste processo mais geral.

Foi um desafio muito grande encarar a novidade de fornecer um curso no formato online. No formato presencial há a vantagem de interação mais direta. Buscamos manter a interação possível nos encontros síncronos online. E mesmo o público não inscrito, que assistia às aulas pelo YouTube, também pode participar com perguntas por meio do chat do canal. A mudança para o formato online alterou também os conteúdos e a duração das aulas. No plano inicial, cada encontro teria a duração de quatro horas. No formato online, isso ficaria extremamente cansativo, então a duração dos encontros síncronos foi reduzida à metade desse tempo. A exploração dos materiais prévios, de forma assíncrona, contemplou a outra metade da carga horária. Vimos a mudança em relação ao número de inscritos e à frequência quando passamos para o formato online. Inicialmente foram efetuadas 205 inscrições. Fizemos um formulário para avaliar o interesse dos inscritos e saber da viabilidade de participarem no curso em formato online; obtivemos 133 respostas. Entre os respondentes, 99% tinham dispositivo adequado com internet e 100% tinham interesse em permanecer no curso em formato online. Na plataforma Pluriverso tivemos 91 inscritos. Destes, apenas 38 responderam nosso formulário de avaliação final. Para receber certificado de conclusão do curso, havia o pré-requisito de responder o formulário de avaliação e também ter mínimo de 75% de presença nas aulas síncronas. Ao todo 28 inscritos cumpriram todas as

exigências e receberam o certificado de conclusão do curso. Em comparação com o 1º Ciclo de História, Memória e Cultura Indígena, que foi presencial ao longo de dois semestres, este teve 138 inscritos e 47 estiveram aptos a receber certificado (alguns apenas do módulo 1 ou do módulo 2 e 25 dos dois módulos). Uma média de 41 inscritos presentes por aula.

Entre as dificuldades apresentadas, conseguimos identificar que alguns inscritos tiveram problemas de conexão da internet, outros não sabiam usar o aplicativo ou não conseguiam acessar a sala de reunião no Zoom, mas assistiam a aula pelo YouTube, interagindo pelo chat. As bolsistas faziam controle de acesso à sala do Zoom, o controle de frequência dos inscritos, e coletavam perguntas do chat para interação com os palestrantes.

Apesar das dificuldades no formato remoto, tivemos boas expectativas quanto ao curso. Num momento de isolamento social, em que a internet ganhou ainda mais potência como espaço de informação, formação e articulação, o ciclo fortaleceu a divulgação dos conhecimentos e práticas de povos e comunidades tradicionais e dos moradores de territórios populares urbanos. O formato apresenta vantagens e desvantagens em relação ao modelo presencial. Como desvantagem, a diminuição da interação e do tempo de discussão dos temas de cada aula, e a inviabilidade do trabalho de campo. Como vantagem, o maior alcance de pessoas que não fariam o curso se fosse na modalidade presencial. Tivemos uma pessoa inscrita residente em outro estado e alcançamos um número bem maior que o número de inscritos, com a disponibilização das aulas no canal do NEABI IFRJ Nilópolis no YouTube, tendo uma média de 220 espectadores por aula (a com menos visualizações teve 125 acessos e a com mais visualizações teve 419). Esse alcance e a disponibilização das aulas para serem assistidas a qualquer momento, por qualquer pessoa, nos deram uma ideia de impacto de longo prazo que pode ser ainda maior.

Pudemos também medir os resultados do curso com base nas respostas ao formulário de avaliação final. 87% dos respondentes não possuíam vínculo com o IFRJ; 47% eram estudantes, 23% professores, 17% pesquisadores e 13% era composto por outros interessados. Quanto a pertencer a algum grupo relacionado à temática do curso, 57% moravam na periferia e 10% pertenciam a um povo ou comunidade tradicional.

Quanto à região de residência, 55% residiam na capital do Rio de Janeiro, 26% na Baixada Fluminense, onde IFRJ está situado, e 19% em outras regiões. Mais da metade do público alcançado foi de jovens de 16 a 35 anos.

A internet foi importante não só para a veiculação do curso, mas também para sua divulgação: mais da metade dos inscritos soube do curso pela internet (a maioria destes por redes sociais). Além disso, também foi criado na rede social Facebook um grupo restrito aos inscritos e à equipe de produção do curso, para servir como mais um canal de comunicação (além da plataforma Pluriverso e do e-mail), no qual até hoje são divulgados conteúdos relacionados à temática do ciclo.

Quanto à avaliação do curso, 95% dos respondentes avaliaram como muito bom; 61% acreditam que a adaptação do curso para o formato online funcionou muito bem e 39% acreditam que funcionou bem; mais da metade teve uma experiência boa ou muito boa com as plataformas digitais de veiculação do curso; 89% acreditam que as temáticas do curso e os materiais prévios às aulas foram muito bem escolhidos. Quanto à própria participação no curso, 71% avaliaram como boa. Também tivemos retornos muito positivos através de comentários, avaliando muito bem o curso, reconhecendo sua importância e desejando que se repita, tanto no formato online quanto no presencial.

A experiência do ciclo, inclusive pelo seu formato online, foi muito positiva para toda a equipe de organização e produção. As bolsistas tiveram uma boa experiência com as leituras, assim como com as questões operacionais e de produção. Foi uma oportunidade de vivenciar, na prática, o que foi aprendido nas disciplinas de Produção Cultural da graduação. O processo de pré-produção, com o período de formação, planejamento e reestruturação do curso, o período de execução e o período de pós-produção, com a prestação de contas e a elaboração de artigos e relatórios, foram aprendizados que serão muito úteis na prática profissional. O trabalho em equipe e a colaboração de cada um foi essencial para o bom resultado do trabalho.

A experiência do Ciclo Territórios e Culturas como um curso de extensão oferecido no formato online também nos dá uma boa bagagem para a elaboração e execução de projetos futuros, como o 2º Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena, a ser oferecido ainda em 2021.

Referências:

ACSELRAD, H. e COLI, L. R. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. *Cartografias Sociais e Território*. IPPUR, 2008.

ALMEIDA, A.W.B. de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In: ALMEIDA, A.W.B. de. *Terra de quilombo, terras indígenas, 'babaçuais livre', 'castanhais do povo', faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008. [disponível em <http://novacartografiasocial.com.br/download/terras-tradicionalmente-ocupadas-alfredo-wagner/>]

BARBOSA, J. L. *O território e o popular na condição urbana da cultura*. Revista Boca Coletiva, organização DINIZ, André. Rio de Janeiro: Al-Farabi Editorial, 2015.

Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT / Organização Internacional do Trabalho. - Brasília: OIT, 2011. [disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf]

CUNHA, M. C. da.; ALMEIDA, M. W. B. de. Populações tradicionais e conservação ambiental. IN: CUNHA, M. C. da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DIEGUES, A.C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: HUCITEC / NUPAUB/USP, 2008. [disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/O%20mito%20moderno.compressed.pdf>]

DIEGUES, A.C. ARRUDA, R. *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB-USP/SP e MMA/DF, 2000. [disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/saberes%20trad.pdf>]

GALLO, Edmundo e NASCIMENTO, Vagner do (Org.). *O território pulsa: territórios sustentáveis e saudáveis da Bocaina - soluções para a promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável territorializados*. Paraty, RJ: Fiocruz, 2019 [disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rau6-B6pyWpYfhcwjuvX7wYNXRzMVmdb/view>]

LITTLE, P. E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Série Antropologia nº322 Brasília: UnB, 2002. [disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie322empdf.pdf>]

PEREIRA, A. C. T; PIMENTEL, A. O. Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena. In: LAGE, G. C (Org.). *Tecendo teias e redes de saberes: construindo caminhos para a extensão no IFRJ Campus Nilópolis*. Divinópolis, MG: Meus Ritmos Editora, pp.46-65, 2021. Disponível em: https://8e7795bf-0ab7-44ca-8b76-6c7dd693e400.filesusr.com/ugd/58e20e_0296ef1d8c65455b8880b7ba1b08f03c.pdf . Acessado em 13/04/2021.